currículo da cidade que também aborda essa temática e nos direciona um olhar e norteia as necessidades para que a educação inclusiva aconteça de fato.

Esperamos que os avanços ocorram de forma eficaz e que em breve não tenhamos mais a necessidade de abordar a temática da inclusão como desafio e sim como uma realidade presente em nossas escolas e na sociedade.

Que as escolas possam se empenhar para auxiliar na formação de seres humanos

mais humanos, que respeite, aceite as diferenças e colabore para que todos possam conviver harmoniosamente, para que tenhamos uma sociedade com mais oportunidades e justiça, que o que almejamos hoje como sonho, possa ser a realidade vivenciada pelas nossas crianças, pois como educadores estamos trabalhando para isso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Secretaria de Educação especial - MEC. SEESP, 2001.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RODRIGUES, Olga Maria Piazentin Rolim (Orgs.) Educação inclusiva: Fundamentos históricos, conceituais e legais. Bauru, Ed. UNESP-FC, 2012.

CARVALO SALVARI, Lúcia de Fátima; de SOUZA BRITO DIAS, Cristina Maria Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica Estudos de Psicologia, vol. 23, núm. 3, julio-septiembre, 2006, pp. 251-259 Pontifícia Universidade Católica de Campinas Campinas, Brasil

CHAMAT, Leila Sara José, Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem- 1º ed. – São Paulo: Vetor,2008.

FAZENDA, Ivani C.A.; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Hermínia P. Interdisciplinaridade na pesquisa científica. Campinas-SP, Papirus, 2015.

GIL, Antonio Carlos. Método e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GUIA DA INTERNET. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=019. Acessado em: 27 Jan 2016.

_____. Disponível em: http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/pestalozzi-307416.shtml.

Acessado em: 16 Jan 2016.

_____. Disponível em: http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial. Acessado em: 16 Jan 2016.

JOMTIEN, Declaração Mundial sobre educação para todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, UNESCO, 1998. Disponível em: file:///C:/Users/Ester_2/Downloads/086291por.pdf. Acessado em: 14 Set 2016.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. A Educação especial no Brasil - da exclusão à inclusão escolar. Disponível em: http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm. Acessado em 14 Set 2016.

PORTO, Olívia. Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 4 ed. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2011.

Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Geografia. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2020.

REVISTA DA EDUCAÇÃO. Um olhar sobre a inclusão. Vol. XVI, nº 1, 2008.

Disponível em:

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclu s%C3%A3o.pdf. Acessado em: 27 Set 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São

Paulo, Cortez, 2015.

TAVARES, Dirce Encarnacion. Olhar. In: FAZENDA, Ivani C.A. Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir. São Paulo, Ed. Cortez, 2014, pp. 172-178.

UNESCO. Procedimentos - Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral. - Declaração de SALAMANCA sobre Princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais, UNESCO, 1998.

A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES ADAPTADAS E DENTRO DO CURRÍCULO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO– TEA

FERNANDA RICARDO VILLAS BÔAS

RESUMO

O presente artigo tem como propósito descrever acerca da importância em se adaptar as atividades para crianças com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA dentro de um currículo e objetivos estabelecidos de acordo com o ano/ciclo em que o estudante está inserido na rede regular de ensino, garantindo em sala de aula, uma Educação inclusiva de qualidade.

A adaptação curricular possui um desempenho integrado e contínuo com vários aspectos no processo de ensino aprendizagem, onde compreender as dificuldades do autismo é o primeiro passo para identificar quais os estímulos necessários ao desenvolvimento das crianças, buscando por boas escolhas desde a definição e organização dos conteúdos, objetivos, estratégias e práticas pedagógicas, com especial atenção para que as questões ligadas à assistência não criem obstáculos ou se sobressaiam sobre as oportunidades de novas experiências e aprendizagens.

Palavras Chave: Adaptação Curricular, Educação Especial, Inclusão, Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This article aims to describe the importance of adapting activities for children with Autism Spectrum Disorders – ASD within a curriculum and objectives established according to the year/cycle in which the student is inserted in the regular school network, ensuring, in the classroom, a quality Inclusive Education.

Curricular adaptation has an integrated and continuous performance with several aspects in the teaching process learning, where understanding the difficulties of autism is the first step to identify which stimuli are necessary for the development of children, seeking good choices from the definition and organization of contents, objectives, strategies and pedagogical practices, with particular attention to the need to avoid the issues of assistance and do not create obstacles or to excel at opportunities for new experiences and learning.

Keywords: Curriculum Adaptation, Special Education, Inclusion, Autistic Spectrum Disorder.

INTRODUÇÃO

Diversificadas pesquisas em diferentes países apontam para um fator importante em toda a sociedade mundial: o número de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA vem crescendo significadamente nos últimos anos. Concomitantemente, aumentam-se as matrículas destas crianças na educação regular de ensino. Porém, apesar da maior presença, os principais desafios nas práticas pedagógicas persistem. Estes vão desde a melhora na formação de professores, passando pela flexibilização de materiais, conteúdos e objetivos, além da oferta de recursos humanos para o auxílio aos professores e consequentemente aos educandos, nas sala de aula.

As instituições escolares estão em constante mudança, se reavaliando e procurando por formas de atendimento que atinjam o maior número de educandos, buscando por uma educação de qualidade, procurando respeitar as diferenças e diferentes estudantes, sejam estes típicos ou atípicos. Passando por este pressuposto, a metodologia escolar também precisa se adaptar e se atualizar, para incluir significadamente as crianças com transtorno de espectro autista e promover uma verdadeira educação inclusiva.

Os mesmos conteúdos, temas, eixos, objetos de aprendizagem e objetivos de ensino trabalhados no ano/ciclo devem fazer parte do universo escolar dos estudantes com TEA, porém os mesmos devem ser adaptados as limitações, suas especificidades e singularidades.

De acordo com Brasil (2001) a adaptação curricular possui um desempenho integrado e contínuo com vários aspectos no processo de ensino aprendizagem, incluindo os objetivos e os procedimentos empregados para avaliar e atender o aluno em suas necessidades individuais.

DESENVOLVIMENTO

Andando pelas ruas, visitando instituições escolares, nos centros comerciais e de lazer e em nosso ciclo familiar e social pode-se perceber que aconteceu um aumento exponencial nos casos de autismo nos últimos anos e graças as mudanças de pensamento e a inclusão social espaços antes evitados passaram a ser destino comum entre as pessoas no espectro.

De acordo com Olivares o autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento, definido por critérios clínicos, tendo como principais características o comprometimento das áreas de interação social, da comunicação e do comportamento. O autismo é um transtorno neuropsiquiátrico, que tem uma etiologia multifatorial (interação de fatores genéticos, neuroquímicos e ambientais). O conceito do espectro do autismo abrange comprometimento da interação social, da comunicação verbal e não-verbal, comportamentos repetitivos e interesses restritos (Minatel, M.M., 2013; Rosa, F.D., 2015).

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma disfunção neurológica que afeta a sociabilidade, a comunicação verbal e não verbal e expressa inadequações comportamentais. Os primeiros sintomas manifestam-se

antes dos 3 anos de idade (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012)

Muitas pesquisas e estudos são realizadas no mundo inteiro sobre esse assunto, procurando por uma justificativa, mas a busca para essa resposta não encontra-se em somente um fato. Não existe uma causa definitiva e única, e sim um conjunto de fatores e motivos que podem influenciar no aumento dos casos de autismo no planeta.

O Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC), em março de 2020 apresentou um documento onde atualizava a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Um ponto em destaque neste estudo foi que após um ano e nove meses, já apresentou-se uma grande mudança de cenário, crescendo cada vez mais o número de diagnósticos de TEA.

Somente a nível de esclarecimento, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, que trabalha principalmente em estudos e pesquisas para a proteção da saúde pública e da segurança da população, provendo informações que servirão de embasamento na tomada de decisões no que diz respeito à saúde. Pesquisas e informações como essa impactam diretamente em pesquisas nacionais, uma vez que destaca temas que causam questionamentos para práticas e evidências científicas em nosso país, que afetam a vida da população e buscam por caminhos e respostas positivas.

Já, no ano de 2021, o relatório do CDC mostrou que 1 em cada 44 crianças norte-americanas, com idade de 8 anos, foi diagnosticada no espectro.

Bertaglia (2022) cita que publicado em 2 de dezembro de 2021, o mais recente relatório do CDC mostra que 1 em cada 44 crianças aos 8 anos de idade, em 11 estados norte-americanos, é diagnosticada autista, segundo dados coletados no ano de 2018.

Resultados como este levam a inúmeros questionamentos sobre a elevação dos índices e sobre a importância de favorecer acesso ao diagnóstico, uma vez que, como já citado anteriormente, são muitos e diversificados os motivos para isso. O maior acesso à saúde e consequentemente à um diagnóstico é um dos grandes fatores. O aumento a informação na era digital é outro, uma vez que nos leva a identificarmos outras pessoas em contextos diversos com similaridades parecidas ajudando na identificação do transtorno e na busca por auxílio profissional. Os critérios de diagnósticos ampliados são outro ponto importante, uma vez que permite diagnósticos múltiplos.

Todavia o aumento nos diagnósticos não é somente a causa na ampliação dos números. Existem fatores ambientais que também interferem nisto, como a concepção tardia, onde a idade mais avançada dos pais aumenta as chances de autismo no bebê ou na sobrevivência maior de bebês prematuros nos tempos atuais, uma vez que prematuridade é um fator de risco para o autismo. A exposição a toxinas ambientais como pesticidas, algumas infecções maternas durante a gravidez o consumo de álcool durante a gestação, o uso de certos medicamentos durante a gravidez também podem ser outras razões pelas quais temos maiores incidências de bebês nascidos com autismo.

Essas reflexões que permeiam o aumento de casos na sociedade mundial, e consequentemente brasileira nos mostram que o número de crianças nas escolas com diagnóstico no espectro autista também aumentou e que é necessário uma adaptação maior por parte dos profissionais envolvidos na Educação. São inúmeros os desafios enfrentados pelos pais e escola no início da vida escolar de uma criança autista e construir uma rede de profissionais e constante troca multidisciplinar entre os professores, psicólogos, fonoaudiólogos, educadores, profissionais de saúde e pais é fundamental para o sucesso escolar da criança. É importante destacar que o acompanhamento da vida social e escolar da criança deve ser multiprofissional e isso será o suporte fundamental no Transtorno do Espectro do Autismo.

Segundo Martins (2022) o acompanhamento de autistas é multiprofissional, ou seja, diversos profissionais realizam sessões periódicas para a intervenção dos déficits de desenvolvimento associados ao TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os especialistas são médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, preparadores físicos, psicopedagogos e nutricionistas.

Desde o diagnóstico até o desenvolvimento da vida pessoal faz-se necessário a presença de uma equipe de multiprofissionais. Para Brasil (2015): "O processo diagnóstico deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar que possa estar com a pessoa ou a criança em situações distintas: atendimentos individuais, atendimentos à família, atividades livres e espaços grupais".

Uma equipe multiprofissional permitirá um desenvolvimento global do indivíduo, permitindo ações que facilitarão o dia a dia, como um simples ato de escolha, a interação com seus familiares, crianças e os espaços tanto na escola quanto em casa ou até para facilitar ou criar um canal de comunicação entre a criança no espectro e as pessoas ao redor.

Assim que ingressa na vida escolar a criança autista precisará interagir com um número maior de pessoas, que passarão a fazer parte de sua vida e rotina e os professores desempenham um papel fundamental para o melhor desempenho dessa criança.

O educador fará parte do processo de integração da criança junto aos demais alunos e, também, no que cabe à assimilação do conteúdo educacional proposto.

Cunha (2014, p. 101) declara que "não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão".

O conhecimento sobre o funcionamento autístico é o primeiro passo para que o professor contribua com o desenvolvimento de seus alunos. Mesmo não sendo especialista em Educação Especial e Inclusiva ou em TEA, o professor pode fazer muito pelas crianças desde que tenha conhecimento sobre o assunto e seja provido de amor, paciência e dedicação. Assim terá condições de ganhar a confiança dos alunos (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012)

A criança autista precisa estar na escola, a Educação formal é um direito previsto por Lei. Porém é imprescindível saber que não basta apenas garantir a presença deles em sala de aula. É necessário outras inúmeras ações para que o processo de inclusão se torne realmente eficaz. A formação contínua dos professores e profissionais escolares é um fator importantíssimo para uma educação positiva e significativa. Um profissional com especialização em estudantes com necessidades especiais construirá e desenvolverá atividades e avaliações que considerarão as características de cada estudante.

No Brasil, as crianças diagnosticadas no TEA possui seu ingresso e permanência no ensino regular garantida pela Lei De Diretrizes e Bases da Educação

(LDB). Segundo a legislação, "O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes regulares de ensino regular" (art. 58, parágrafo § 2º).

As pessoas diagnosticadas dentro do espectro autista possuem direito a todas as políticas de inclusão do país e entre elas está a Educação. A promulgação da Lei Federal n° 12.764, em 27 de dezembro de 2012 foi um grande avanço na luta pela inclusão escolar de crianças e jovens autistas. Batizada como Lei Berenice Piana, ela institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, classificando, definitivamente, os autistas como pessoas com deficiência.

Cunha (2014, p. 101) alega que no momento em que "[...] acreditamos no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir seu futuro, o incluímos, e nossa atitude torna-se o movimento que dará início ao seu processo de emancipação". O autor ainda afirma que "[...] a inclusão escolar inicia-se pelo professor" e "[...] nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola" (CUNHA, 2014, p.101).

Existem inúmeras dificuldades enfrentadas tanto pelo estudante quanto pelos profissionais de Educação em relação a inclusão, a manutenção de um aluno autista em sala de aula pode parecer um grande desafio para o profissional da educação, porém cabe ao professor transformar o dia a dia escolar em algo significativo para a criança autista, fazendo uso da rotina, de tarefas pontuais e que abordem situações que possam ser absorvidas pelo estudante com TEA. É de sumária importância que diferentes e diversificadas estratégias pedagógicas sejam utilizadas, tanto para as crianças típicas como para as atípicas, respeitando os limites e tempo de concentração de cada um, oferecendo desafios possíveis e que desencadeiem hipóteses e aprendizagem.

A inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar comtempla não somente a sua permanecia em sala de aula, mas também, sua inserção no meio social e nas atividades em grupo e individuais. Toda a equipe escolar deve estar apta a mudanças, pois o autismo é síndrome que afeta a criança organicamente e, esses déficits causam alterações sensoriais e comportamentais importantes para o seu convívio social e para as suas aprendizagens educacionais e sociais. Muitas atitudes devem ser tomadas para conseguir com que a criança com TEA compreenda a vida escolar e se sinta segura e confortável. (Machado, Gabriela 2020).

Uma boa Educação Inclusiva, deve ter em seus objetivos princípios, ações e atividades que assegurarem o acesso, a permanência, a participação plena e a aprendizagem de indivíduos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. O uso de um conjunto de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade, eliminando as barreiras existentes no processo de escolarização e desenvolvimento dos educandos. Somente ocorrerá uma inclusão verdadeira a partir do momento em que o estudante no espectro passa a ser parte integrante da turma, ou seja, ele participa e está inserido ativamente nas atividades, sendo observado em suas dificuldades e respeitado por todos.

É de competência da instituição escolar, coordenadores e professores elaborar métodos e estratégias para que os educandos autistas possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com os demais estudantes de sua turma.

É altamente necessário ter conhecimento de que as atividades devem fazer parte do cotidiano, ou seja, os conteúdos que já são trabalhados em sala de aula, ou seja, as atividades e exercícios trabalhados em sala

de aula com as crianças no espectro devem também estar embasadas e dentro dos conteúdos e objetivos propostos para o ano/ciclo. Incluir dentro do tema trabalhado em sala, com adaptações possíveis para a realização de cada criança, considerando também o tempo de concentração da mesma.

Adaptar o currículo na escola têm importância notória na autoestima e inserção do estudante no TEA, levando-o a absorver e participar dos temas trabalhados por todos em sua turma. Mas, é importante compreender que adaptar não possui o mesmo sentido que modificar ou trocar. A adaptação mantém a integridade do conteúdo, mas pode modificar o seu formato baseando-se nas necessidades e limitações do educando, alterando a forma com que é acessado ou apresentado.

Segundo o documento orientador da SME / COPED (2021) a escola poderá promover o desenvolvimento desses estudantes planejando estratégias de trabalho educacional que possam ser implementadas no coletivo da sala de aula com todos.

Portanto, a escolarização dos estudantes com TEA precisa ser pensada em uma perspectiva mais ampla que considere que há uma relação de determinação mútua entre aprendizado e subjetivação.

Ao construir as atividades, o educador deve optar por comandos curtos e diretos, com exercícios funcionais e que priorizem as necessidades dos estudantes. Para melhor aproveitamento destes, é interessante oferecer recursos de apoio e fracionar as atividades, dando um tempo para que este consiga se adequar. É imprescindível que se evite atividades muito longas, porque a criança pode se entediar facilmente. Assim como as atividades, os comandos também podem ser fracionados, atentando-se para objetivos possíveis para o estudante, porém dentro do tema trabalhado com o restante da turma.

Trabalhar com rotina e regras de convivência visuais também auxiliam e muito o trabalho dos educadores, principalmente nos anos iniciais de escolarização.

Dentro das nuances que envolvem a aprendizagem de estudantes com TEA, sabe-se da importância da rotina para esses sujeitos (Machado, 2019), pois eles necessitam ser comunicados a cada momento do que acontecerá no seu cotidiano, incluindo, o escolar.

Adequar a seleção de materiais ao estudante com TEA também é outro facilitador. O professor não precisará se preocupar em atingir todos os objetivos propostos para o ano/ciclo, e nem deverá criar expectativas que o estudante não conseguirá. Deve sim, preparar atividades complementares e alternativas para o decorrer das aulas, respeitando o tempo e concentração, bem como o nível de interesse da criança. Isso significa que o currículo utilizado deve ser funcional e priorizar as necessidades dos alunos.

Atividades que não estão em concomitância com o restante da turma pode ser entendida pelo estudante no espectro de maneira negativa. SCHMIDT (2013) cita que frequentemente, os professores enfrentam desafios perante seus comportamentos devidos ações hostis por atividades sem significância que demostra ao restante do grupo um desconforto por não conseguir um vínculo com a turma de colegas, dificuldade para manter a atenção nas tarefas propostas, hipersensibilidade aos estímulos (táteis, visuais, sonoros, olfativos e palatinos), pouco controle sobre os impulsos e situações conflitivas, déficits nos tono muscular, dificuldade para compreender a linguagem e o sentido das mensagens advindas por diferentes canais de comunicação.

Adaptar o conteúdo não significa oferecer atividades de baixa qualidade ou aquém dos estímulos essenciais para o estudante, cumprindo apenas objetivos ínfimos, não condizentes com desafios possíveis. Adaptar o conteúdo positivamente, atende à práticas pedagógicas e estratégias de ensino que visam o sucesso na aprendizagem, possibilitando mudanças significativas no crescimento global do indivíduo e que possam ajudar o professor a planejar as atividades e avaliar o real desenvolvimento do aluno.

Boas práticas educativas tem como conjetura bons resultados e objetivos e as atividades adaptadas tendo os temas trabalhados em comum com o restante da sala de aula despertarão maior interesse e integração do estudante no TEA.

A construção dessas atividades e adaptações deve passar e permear o interesse, os gostos particulares, o comportamento, a faixa etária, o ano/ciclo escolar em que está matriculado, a fase da vida em que se encontra, os tipos de intervenções e profissionais com os quais o indivíduo autista se relaciona e até mesmo qual tipo de medicamento ele faz uso. Levando isso em conta, a rotina escolar e a realização das ações propostas se tornarão muito mais significativas, prazerosas e fáceis de se realizar, melhorando a comunicação e convívio harmonioso no âmbito escolar.

Partir do princípio que os estudantes com TEA apresentam características particulares de aprendizado e que estas não se pautam em modelos típicos colabora apara a construção de adaptações que assegurarão a escolarização do mesmo. Segundo Charlot (2000) Não há metodologias ou didáticas pré-estabelecidas que assegurem sua escolarização e, portanto, os professores terão que se valer de um saber não sabido, tecido a partir do encontro com seu estudante, para a construção de seu plano de trabalho no cotidiano da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo ressaltar a importância de atividades adaptadas e dentro do currículo para crianças com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA, inseridos dentro da sala de aula, para uma inclusão significativa dos mesmos.

Posto que o número de crianças autistas mundialmente está em constante crescimento e estas, por sua vez, ingressam ou ingressarão em maior número nas instituições escolares, é de suma importância que o preparo cada vez maior por parte das pessoas envolvidas diretamente no processo de ensino e aprendizagem sejam reais e atendam os estudantes em suas especificidades e singularidades, a fim de lhes garantir uma educação de qualidade.

Para que esses estudantes possam usufruir de um sistema regular de ensino que possibilite não só seu acesso, mas também sua permanência nas unidades escolares e uma boa qualidade dos processos de escolarização, além do pleno desenvolvimento de suas aprendizagens faz-se necessário adaptar conteúdos e objetivos, modificar os instrumentos de avaliação e optar por estratégias de ensino mais significativas e relevantes, porém sempre vinculadas aos conteúdos e objetivos para o ano/ciclo, respeitando a individualidade do estudante com TEA, mas garantindo sua inserção na turma e na comunidade escolar, respeitando suas limitações dentro dos eixos propostos.

O atendimento dos educandos com necessidades especiais na rede regular de ensino exige mudanças que irão além do âmbito escolar. Não somente as práticas pedagógicas deverão ser condizentes com as singularidades dos estudantes, mas a participação familiar juntamente ao apoio de especialistas, desenvolverão ações capazes de manifestar e exercitar a socialização, a, a linguagem, o pensamento, a autonomia e a autoestima, considerados relevantes para a formação global do indivíduo enquanto futuro cidadão.

Conclui-se que esse conjunto de atuações possibilitarão que as adaptações curriculares se tornem imprescindíveis à uma qualidade de ensino condizente ao proposto, sem limitar-se a atividades fora do contexto escolar no grupo em que o estudante se insere.

REFERÊNCIAS

Bertaglia, B.; Uma a cada 44 crianças é autista, segundo CDC - Autismo e

Realidade. Disponível em:<https://autismoerealidade.org.br/2022/02/04/uma-a-cada44-criancas-e-autista-segundo-cdc/> Acesso em: 11 jul.2022

BRASIL. Linha de cuidado para atenção às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde. 2015.

BRASIL. Parecer, nº 17, Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

BRASIL. LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL-1996. CAPITULO V - DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br//seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>

Charlot, B. Da relação com o saber às práticas educativas. São Paulo: Cortez, 2000.

Cunha, E.; Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.

Machado, G. D. S.; A importância da rotina para crianças autistas na Educação Básica. Revista Gepesvida. número 9, volume 1 - 2019-2. Disponível em: . Acesso em ago. de 2020.

Martins, Y.; Intervenção psicopedagógica para autistas. Disponível em:< https://autismoerealidade.org.br/2022/05/27/intervencao-psicopedagogica-paraautistas/> Acesso em: 11 jul.2022

Minatel. M.M.; Cotidiano, demandas e apoio social de família de crianças e adolescentes com autismo – Dissertação Mestrado. São Carlos: UFSCAR, 2013.

Olivares, M. S. A.; O psicólogo e a equipe multidisciplinar no cuidado à criança com espectro do autismo. SAG – Grupo de Apoio ao Ser. Disponível em: <https://www.clinicasag.com.br/artigos/artigo/23/O-psicologo-e-a-equipe-multidisciplinar-nocuidado-a-crianca-com-espectro-do-autismo>. Acesso em: 13 jul.2022

Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do

Espectro Autista (Lei nº 12.764/2012) Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm/>

Acesso em: 01 jul.2022

Rosa. F.D.; Autistas em idade adulta e seus familiares: recursos disponíveis e demandas da vida cotidiana – Tese Doutorado. São Carlos: UFSCAR, 2015.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Orientações para atendimento de estudantes: transtorno do espectro do autismo. – São Paulo: SME / COPED, 2021. 52p.: il.

Silva, A. B. B; Gaiato, M. B; Reveles, L. T.; Mundo singular: entenda o autismo.